

ALBERT FISHLOW



Esperanças de Bolsonaro

Generais não costumam ser bons líderes políticos em democracias funcionais. Essa regra é ainda mais válida para oficiais aposentados, principalmente os de baixa patente. Há uma razão simples. Eles tendem a olhar para trás de forma mecânica, tentando repetir um passado que nunca foi tão bem-sucedido como têm em mente. Por natureza, não são tão flexíveis ou criativos em resposta às mudanças – tanto internas, quanto externas – no ambiente.

Os militares têm forte preferência pela simplicidade. Até mesmo em combate, embora algumas estruturas talvez sejam novas, a preferência por regras pré-determinadas prevalece. A capacidade política para

responder exige muito mais flexibilidade e alcance intelectual mais amplo.

O presidente Bolsonaro, com sua dependência da ajuda militar para alcançar seus objetivos, é um exemplo. O Brasil paga um preço considerável. Veja as últimas semanas, a euforia de suas vitórias e o sentimento de apoio de sua base versus os contínuos retrocessos e perdas públicas em confrontos com o Judiciário, o Congresso e a imprensa.

Ele participará da Assembleia Geral da ONU mesmo se for necessário comprovar que se vacinou contra a covid-19 ou haverá uma saída sutil para exibir seu senso de orgulho de integridade e individualismo? Agora que seu candidato evangélico ao Supremo Tribunal Federal (STF), o ex-ministro da Advocacia-Geral da União (AGU) André

Mendonça, ainda não foi nem sabatinado, buscará um caminho de consideração cuidadosa de alternativas? Ou irá atrás de seu leal defensor, o procurador-geral da República, Augusto Aras? Vai contrariar Paulo Guedes e Arthur Lira e continuar com aumentos maiores para o Bolsa Família apoiando o não pagamento das dívidas judiciais?

E ele continuará a insistir em recibos impressos de votos, tendo aprendido com a derrota de Trump a importância de uma melhor prova da vitória com cédulas preparadas a seu favor? Apesar de a proposta já ter sido arquivada, a ameaça final de Bolsonaro – um golpe apoiado pelos militares – continua a ser uma possibilidade dramática.

Alta inflação deste ano e a recuperação parcial das perdas de 2020 aumentaram as receitas do governo e garantiram redução na porcentagem da dívida externa em relação à receita? Mas um agora independente Banco Central (BC) continua a aumentar as taxas de juros. Déficit fiscais maiores e uma dívida crescente pressionarão a economia em 2022. As previsões de expansão real têm caído nos Relatórios Focos do BC. E, à medida que o crescimento

diminui, o mesmo acontece com as perspectivas de investimentos estrangeiros para impulsionar as insuficientes poupanças públicas do País. O desemprego permanece elevado.

A manifestação da última semana a favor do impeachment foi menor do que a multidão pró-Bolsonaro reunida em locais como Brasília e São Paulo. Mas agora oito partidos de oposição se uniram para apoiar atos unificados em outubro e novembro. Usarão o longo relatório a ser divulgado pela CPI da Covid como base para reunir o apoio.

Outra questão em breve turvará as águas: as mudanças climáticas. O Brasil tem sido uma grande figura ausente no tema, apesar de seu papel fundamental na região da Amazônia e as consequências negativas da escassez de água com um menor abastecimento dos reservatórios do que em 2001. Isso ajudou a eleger Lula em vez de Serra.

Depois de pressionar por transferências maiores de recursos dos países desenvolvidos, Bolsonaro mudou de tom. O Brasil esteve ausente da última reunião de líderes convocada por Biden com a ONU, cujo relatório sobre as perspectivas para a próxima reu-

nião durante a COP-26 em Glasgow causou preocupação. Apesar dos esforços atuais do Itamaraty em sugerir que os números mensais de áreas verdes perdidas estão melhorando, os históricos indicam o contrário.

Analistas independentes, no geral, discordam da esperança de que isso possa abalar a imagem de Bolsonaro contra Lula. Nenhum dos demais candidatos de oposição conseguiu altas porcentagens de apoio. Onde está o Biden, ou a Merkel ou o Macron ou o Trudeau do Brasil?

O *New York Times* publicou na sexta-feira que os partidos de centro-esquerda talvez estejam voltando a dar as caras no cenário mundial. Tanto a extrema direita, quanto a esquerda muito progressista deram lugar a novos candidatos e partidos. Talvez o Brasil ainda possa desfrutar de um desfecho favorável. /

TRADUÇÃO DE ROMINA CÁCIA

* ECONOMISTA E CIENTISTA POLÍTICO, PROFESSOR EMÉRITO NAS UNIVERSIDADES DE COLUMBIA E DA CALIFÓRNIA EM BERKELEY. ESCRIVE MENSALMENTE

SEG. Luiz Carlos Trabuco Cappi (quizenalmente) | TER. Ana Carla Abrão, Pedro Fernando Nery e Demi Getschko (quizenalmente) | QUA. Fábio Alves | QUI. Adriana Fernandes | SEX. Elena Landau e Karla Karpuska (revezam quizenalmente) e Pedro Doria | SAB. Adriana Fernandes | DOM. José Roberto Mendonça de Barros (quizenalmente) e Affonso Celso Pastore (quizenalmente); Paulo Leme (1º domingo do mês), Roberto Rodrigues (2º domingo do mês), Albert Fishlow (3º domingo do mês) e Gustavo Franco (último domingo do mês)

Indústria do Brasil vai de 9ª para 14ª no mundo e cairá mais

No pós-pandemia, fábricas voltam a regiões desenvolvidas, e País perde ainda mais importância na cadeia de produção global

Cristiane Barbieri

Nos últimos 15 anos, a indústria brasileira foi da 9.ª posição, entre as maiores do mundo, para a 14.ª. No mesmo período, a participação do País na manufatura global caiu quase pela metade: de 2,2% para 1,3%, segundo o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi).

Entre outros problemas, duas crises fortes e sequenciais – a de 2015/2016 (do governo Dilma) e a de 2020 (da pandemia) –, ceifaram empregos, lançamentos, inovação e investimentos, que de tão pequenos foram incapazes de repor a depreciação das fábricas. Com menos força, o valor que adicionam à economia encolheu 1,5% ano após ano, entre 2005 e 2020.

Parte considerável dos países emergentes foi na direção oposta, como mostra o amplo estudo do Iedi. Agora, o pós-pandemia

tende a agravar a situação, com as nações desenvolvidas trabalhando para levar a indústria de volta a seus territórios.

“Em poucos meses, a pandemia criou um pandemônio em toda a cadeia global de produção, logística e comércio”, diz Glauco Arbix, coordenador da área de humanidades do Centro de Inteligência Artificial da USP. “As grandes economias perceberam a importância de ter fábricas perto do consumidor, para depender menos da logística globalizada.”

A resposta das grandes potências, diz Rafael Cagnin, economista do Iedi, foi rápida. A estruturação dos planos de Biden, nos EUA, o de recuperação da União Europeia e o quinquenal de crescimento da China, com ações práticas, detalhadas – e um volume gigantesco de dinheiro –, reforçou o dinamismo econômico do hemisfério Norte, que tende a ganhar muscula-

tura e a dar um novo salto.

“Longe geograficamente desse eixo econômico dinâmico, todo o restante do mundo é coadjuvante, inclusive o Brasil e a América Latina”, diz Cagnin. “Nessa nova realidade, ser um mercado potencial não basta: é preciso concretizar e tornar realidade a promessa.”

O fechamento de fábricas de multinacionais no País em plena pandemia é um dos sinais dessa mudança de eixo e dessa espécie de “cansaço” – e o reposicionamento das cadeias globais. Para ficar em alguns exemplos, encerraram linhas de montagem no Brasil Ford, Mercedes-Benz, LG e Sony.

“A pandemia só reforçou um movimento dos últimos dez anos, de recalibragem do processo tecnológico, que é a essência da indústria 4.0, com a modernização de todas as atividades econômicas”, diz Cagnin.

Com a mudança estrutural, dizem os especialistas, o risco é a manufatura brasileira passar de pequena para totalmente irrelevante. Ao se tornar ainda mais suscetível às instabilidades das commodities, o País tende a manter o crescimento pífio e a criar vagas mal remuneradas. “Não menos honrosos, os empregos de baixa qualificação têm salários condizentes com o que produzem”, diz Arbix. “Essa situação condena o Brasil a ser um País de renda média – e à profunda desigualdade.”

Básico. Apesar de parte dos fabricantes locais tentarem acompanhar a indústria 4.0, nem tudo depende da iniciativa privada. Como em várias outras frentes, faltam políticas de Estado que deem condições para a execução de estratégias. “Qual o sentido de colocar sensores, robôs e inteligência artificial na produção, se a internet ou a energia caem quando chove?”, afirma Cagnin. “Como é possível avançar em direção à susten-



De mudança. Fechamento de fábricas, como a da LG, mostra que mercado potencial não basta

● **Asfixia**
1,5%
foi a queda no valor adicionado pela indústria à economia ao ano, entre 2005 e 2020. Após duas crises recentes, os investimentos deixaram de repor a depreciação das fábricas

tabilidade, se é preciso ligar um gerador movido a óleo com a ameaça de falta de energia?”

Na prática, além da falta de infraestrutura, a agenda do governo voltada à inovação, produtividade, competitividade e integração internacional também tem tido pouca efetividade. “A Câmara Indústria 4.0, por exemplo, não teve ações efetivas de impacto”, diz Cagnin. “O programa Brasil Mais, para melhorar a produtividade de micro, pequenas e médias empresas, é tímido e não deslança.”

O ambiente de negócios e a redução do custo Brasil continuam travados. Também não há uma estratégia clara e ordenada

para a integração internacional. “Esses programas sempre têm muito marketing, mas poderiam oferecer alguma ajuda”, diz Arbix. “Mas com o governo em situação de paralisia e preocupado com a reeleição, o aparato público é desmobilizado e o setor empresarial, que cresceu sob as asas do Estado, mas tem muitos obstáculos, sofre.”

Se deixa de ajudar por um lado, o governo prejudica até mesmo em uma das áreas na qual o setor produtivo nacional se modernizou: o financiamento privado. Com a mudança de direcionamento dos recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que reduziu empréstimos a grandes grupos, as empresas tiveram de aprender a captar recursos no mercado.

“Foi um aprendizado, possível quando os juros entraram no lugar e o BNDES saiu: muitas empresas passaram a entender o mercado de dívidas, quem são os agentes, os procedimentos e critérios econômico-financeiros a serem considerados”, afir-

ma Cagnin. “Não é algo que acontece da noite para o dia, principalmente quando a pandemia joga areia no processo.”

Após seis anos de ambiente adverso, quando as empresas começaram a avançar, a volatilidade causada pelos ruídos políticos e o maior risco fiscal, ameaça esse caminho. Um banqueiro de investimentos, que pede para não ser identificado, enxerga o próximo ano com empresas fazendo menos ofertas de ações e emitindo mais títulos de dívida, mas sem crescimento da demanda por recursos, por conta de uma alta do PIB quase nula. Além disso, com a Selic e os riscos mais altos, o dinheiro fica mais caro.

“É uma trajetória de fôlego curto porque o setor financeiro, para investir e liberar crédito, precisa ter garantia de retorno e previsibilidade – nada que esteja no radar”, diz Arbix. “O Brasil tem exceções, mas suas empresas têm pouco músculo e não conseguem quebrar esse ciclo perverso sozinhas, para a recuperação da confiança.”

COMUNICADO OI AOS CLIENTES
A Oi S.A. e Oi Móvel S.A., Em Recuperação Judicial, em cumprimento ao Despacho Decisório nº 93/2016/SE/ICPRP/SCP, proferido pela Agência Nacional de Telecomunicações – ANATEL nos autos do Processo 53500.028960/2012-10, vem a público, substitutivamente à FALKLAND TECNOLOGIA EM TELECOMUNICAÇÕES S.A., notificar aos usuários desta que a partir do dia 24/09/2021, as chamadas originadas na rede desta e destinadas à rede da Oi S.A. e Oi Móvel S.A. estão temporariamente suspensas por motivos de ordem regulatória e serão restabelecidas tão logo sejam dirimidos os problemas identificados.

SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS CONSELHO DELIBERATIVO
EDITAL DE CONVOCAÇÃO
Seraphim Carlos Del Grande, Presidente do Egrégio Conselho Deliberativo da Sociedade Esportiva Palmeiras, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca os Senhores Conselheiros para comparecerem à reunião ordinária (referente a junho) que fará realizar no dia 04 de outubro de 2021, segunda-feira, com início às 18h em primeira convocação e às 19h em segunda e última, com qualquer número de Conselheiros, na forma do disposto no artigo 83 do Estatuto Social, nas dependências sociais do clube (Ginásio Poliesportivo), à Rua Palestra Itália, nº 214, para atender a seguinte ordem do dia:
a) Leitura, discussão e aprovação da ata da reunião anterior;
b) Homologação de associado Grão-Benemérito;
c) Homologação de Associados Beneméritos;
d) Comentários e informações do Presidente da Diretoria Executiva sobre a administração geral do clube.
São Paulo, 19 de setembro de 2021.
Seraphim Carlos Del Grande
Presidente do Conselho Deliberativo

SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS CONSELHO DELIBERATIVO
EDITAL DE CONVOCAÇÃO
Seraphim Carlos Del Grande, Presidente do Egrégio Conselho Deliberativo da Sociedade Esportiva Palmeiras, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca os Senhores Conselheiros para comparecerem à reunião ordinária que fará realizar no dia 04 de outubro de 2021, segunda-feira, com início às 19h em primeira convocação e às 20h em segunda e última, com qualquer número de Conselheiros, na forma do disposto no artigo 83, § 3º do Estatuto Social, nas dependências sociais do clube (Ginásio Poliesportivo), à Rua Palestra Itália, nº 214, para atender a seguinte ordem do dia:
a) Votação para aprovação das chapas de candidatos ao cargo de Presidente e dos 04 (quatro) Vice-Prezidentes da Diretoria Executiva para o triênio 2022/2024, nos termos do artigo 83, § 3º do Estatuto Social.
Obs.: As chapas com os candidatos aos cargos acima referidos deverão ser inscritas na Secretaria Geral da S.E.P., localizada no primeiro andar do prédio multiuso do clube, mediante requerimento protocolizado, juntamente com a versão eletrônica contendo as propostas da chapa para o mandato, até as 18h do dia 24 de setembro de 2021, de acordo com o estabelecido na alínea “a”, do § 3º do artigo 83 do Estatuto Social.
São Paulo, 19 de setembro de 2021.
Seraphim Carlos Del Grande
Presidente do Conselho Deliberativo

AVALIAÇÕES
Valores de mercado (venda ou locação) de imóveis urbanos e rurais de todo o País. Credibilidade e experiência conquistadas por mais de 40 anos de independência, sigilo e isenção
Solicite orçamento também para avaliações patrimoniais e ativos industriais.
www.embraesp.com.br
avalia@embraesp.com.br
(11) 3665-1590
(11) 99913-5823
(11) 99524-5823

A líder em gestão ambiental.
ambipar.com